

A BATALHA

Suplemento semanal — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Editor: Alberto Dias

Administrador: Domingos Afonso Ribeiro

Propriedade da COMISSÃO INTER-FEDERAL

Séde provisória:

Calçada Castelo Branco Saraiava, 42

Toda a correspondência para o APARTADO

N.º 329 — Lisboa

Número avulso \$30

(AVENçADO)

HARMONIA NA ACTIVIDADE DO MOVIMENTO OPERÁRIO

Nenhum agrupamento humano—de base profissional, de afinidade ou de localidade—pode desenvolver actividade conveniente, se não tem bem definidos os seus objectivos, bem demarcados os caminhos por onde deve seguir. E comprehende-se que assim seja. Os indivíduos—sobretudo quando agrupados—carecem de saber o que desejam para saberem que circunstâncias preferir, que actividade desenvolver. Como poderiam caminhar, se não tivessem um ponto de apoio, para onde desejam avançar?

Ora sucede que nem sempre—desgraçadamente na maioria dos casos—as organizações operárias tiveram bem demarcados os caminhos por onde pretendiam avançar para os seus objectivos, igualmente mal definidos. Umas vezes porque essas organizações careciam duma força orientadora, que se cimentasse num desejo, determinado por uma consciência ideológica; outras porque essa força orientadora nem sequer existia e outras ainda, porque se actuava de maneira a desviar da rota indicada.

Em qualquer dos casos—e isso é inegável—essas organizações operárias estavam entregues ao acaso, actuando os seus militantes, sem uma nítida compreensão das realidades que surgiam, o que se devia, como afirmámos, à falta de objectivos bem definidos.

Em face desta verificação, que fazer?

A organização operária em Portugal, definiu-se como movimento forte quando nos seus congressos a sua posição no meio social, ficou bem vincada. Era mesmo, essa posição, algo importante, como factor de consciência revolucionária, porque indicava ao movimento operário uma directriz, que a seguir-se, levaria à emancipação dos trabalhadores. Entregava estes a uma actividade salutar, abrindo campo a experiências multiplas, que, a praticar-se, forneceriam curiosos elementos de avaliação para atingir a noção do modo de organizar uma sociedade, fora da pressão estatal e do domínio das forças reaccionárias, conservadoras ou revolucionárias de moderna feição (os modelos destas últimas temo-las na Itália e na Rússia). Ainda, a seguir-se a directriz indicada, os trabalhadores poderiam mais tarde—e este mais tarde já poderia ter chegado—dar ao seu movimento uma directriz mais

definida e em maior correspondência com as várias fases da evolução social.

Mas assim não sucede.

A organização operária não teve no seu seio células que compreendessem essas directrizes, não determinando por elas, como é intuitivo, a sua acção. Daí o seu afastamento do caminho indicado e certas desvirtuações. Verificou-se, a dada altura, que nem sempre, a actividade por melhorias imediatas—para satisfação de desejos surgidos das necessidades de momento, mas devendo olhar ao futuro e ao objectivo nêle fixado conduzia a conveniente e a indicada. Aperava-se, por um lado, para certas medidas que, de antemão, estavam condenadas ao fracasso e, por outro, a medidas que poderiam convir no momento, mas que se tornavam prejudiciais passado ele, chegando, mesmo a fornecer mais um esteio ao capitalismo.

Ora é isto que é preciso evitar. E é preciso evitá-lo não só por atender ao objectivo máximo, mas, também, porque a organização operária precisa ter, nas partes que a compõem, disseminada a ideologia que a define, para boa compreensão da luta e dos meios a preferir. Isto é: deve integrar-se nos objectivos do movimento operário, visto no seu conjunto, as suas células. E para tal conseguir é preciso que a sua actividade se não cinja ás melhorias de ordem imediata, no campo económico. Deve ir mais longe. Porém, quando mais não seja possível, que ao menos essas melhorias, tenham a preocupação de solucionar no momento, não fornecendo elementos de apoio ao capitalismo, antes procurando enfraquecer-l-o progressivamente.

E' esta actividade que é necessária; é neste sentido que deverão orientar-se os militantes operários.

DA ALEMANHA

Aumenta o número de desempregados

No ministério do trabalho foi facilitada uma estatística, que informa ter-se elevado o número dos sem trabalho em 15 do corrente, para 3.184.000, dos quais 98.000 recebem subsídio do governo.

Relativamente à última quinzena, nota-se um aumento de 46.000 operários sem trabalho.

E' curioso reparar no diminuto número de desempregados que recebem subsídio. Isto comparando esse número com o dos sem trabalho.

SERVIÇO DA A. I. T.

PARADOXOS

Do teatro e da crítica

Acção pró-Francisco Ghezzi

A F. A. U. D. propôs à A. I. T. que fizesse uma démarché junto do governo russo, afim de obter os debates dum processo na questão Ghezzi com a intervenção dum advogado estrangeiro não bolxevista.

Foi indicado para esta tarefa o advogado socialista, Teodoro Liebknecht, muito conhecido internacionalmente, que declarou aceitar.

A A. I. T. já dirigiu uma carta registada neste sentido à legação russa em Berlim, mas não obteve resposta, e é provável que o mesmo suceda, quando se dirigir directamente ao governo russo.

Fundo de socorro aos sindicalistas, anarcos-sindicalistas e anarquistas na Rússia

Os camaradas do Fundo de Socorro aos revolucionários perseguidos na Rússia pediram ao Secretariado da A. I. T., que empreendesse uma acção particular em benefício daquele organismo de solidariedade, porque a miséria é cada vez maior entre os presos e os recursos cada vez mais restritos.

A A. I. T. tomou em consideração este pedido, e vai exercer essa acção junto de todos os organismos seus aderentes.

Congresso adiado

Em virtude duma carta enviada pela C. N. T., informando que, a-pesar-de autorização concedida pelo governo, as perseguições actualmente exercidas sobre os militantes operários, não eram de molde a fazer esperar que fosse realizado o Congresso Internacional da A. I. T., sem que as autoridades interviessem, proibindo-o, ou empregando meios para impedir o seu funcionamento. Resolveu-se adiar este Congresso para a Páscoa de 1931.

Adolfo Ferriére

Este conhecido pedagogo vem a Lisboa

A bordo do paquete «Astúrias» deve chegar no dia 4 do corrente a Lisboa, o insigne pedagogo dr. Adolfo Ferriére, cuja actividade em propaganda da Educação Nova se tem afirmado em todo o mundo e cuja bibliografia pedagógica é das mais vastas que se conhecem. A vinda de Ferriére a Portugal representa um acontecimento notável, que deve agradar extraordinariamente aos poucos visionários da Educação que existem em Portugal e concorrer extraordinariamente para a divulgação dos princípios e práticas da pedagogia científica entre nós. O insigne educador tentou realizar algumas conferências acerca dos seus ideais educativos e trás consigo um film interessantíssimo de 4.000 metros de extensão, que será exibido após as suas palestras.

Nós, embora isto cause estranheza, não concordamos em absoluto com todos os preceitos da Educação Nova. Em todo o caso, reconhecemos que, entre nós, esse ideal pode desempenhar ainda um utilíssimo papel em benefício da criança e, por conseguinte, das gerações vindouras, se as experiências ou as iniciativas que, em tal sentido, se efectuarem, forem orientadas por sinceros idealistas da educação.

Ler e propagar "A Batalha" é o dever de todos os trabalhadores.

Só o sr. António Ferro, esse jornalista sensacional, dobré de caixeteiro viajante do incomparável Diário de Notícias, poderia lembrar-se de organizar em Portugal um congresso internacional de crítica. Num país onde culturalmente nada existe, onde nem sequer há uma mentalidade formada, um estado de maior ou menor consciência colectiva; onde os intelectuais estão divididos, separados uns dos outros por despeito ou interesses; onde não existe crítica organizada, nem tampouco crítica ou críticos, só o sr. António Ferro, repelimos, poderia tomar a iniciativa de uma reunião internacional de crítica. Esta verdade, que a todo o passo se encontra, vimos nós de confirmar, há dias, com a representação de mais um original do advogado dr. Ramada Curto. O aparecimento da obra, como de todos os originais e discursos do ilustre causídico, foi esperado com interesse. E a representação efectuou-se entre os «Ais!» do «respeitável público», o sorriso gaiato da bolsa do sr. doutor e os encómos da crítica. Ao outro dia os jornais, em justo relévo, inseriram a bôa prosa desses magníficos críticos. Alguns acharam que só o «Fundo» seria lugar próprio para albergar a apreciação notável d'noável obra, e não hesitaram—«Fundo». E foi uma chuva de adjetivos pomposos, de vocíbulos laudatórios. A crítica foi panegírica.

Nós, plebeus pobres, não fomos à primetra. Mas, espécieados pela procedência da mercadoria e de opiniões tão ilustres, não deixámos de ir ver, vir e ouvir, de olhos bem abertos e de ouvidos bem atentos, levando connosco o propósito modestíssimo de julgarmos da obra e, dado o rumor simpático dos jornais, avultarmos os homens que hão-de representar a critica nacional no congresso que o sr. António Ferro, com tanto desinteresse e bondade e sem incumbeça de ninguém, pensa apadrinhar. Fomos; e saímos desolados. Mais uma vez confirmámos, como dizemos acima, que não existem críticos em Portugal. Existem, sim, elos da mesita corrente de interesses, maiores ou menores, que nos estrangulam a todos. Não existem críticos nem dramaturgos. Em teatro, entre nós, existem três ou quatro companhias com um só bom actor ou uma só boa actriz, um advogado, quatro ou cinco indivíduos que se dedicam e governam explorando o público a fazer graca «chulaca», e meia dúzia de senhores, amigos de todos estes, que vão vivendo das tarachas amáveis que dêles escrevem, e de tudo, na honorabilíssima imprensa burguesa. Não saímos do teatro indignados porque já não temos indignação para estes senhores indignos. Mas saímos com uma convicção:—a de termos assistido a um género novo de teatro, talvez desconhecido lá fóra. O sr. dr. Ramada Curto fez uma revista declamada, querer dizer com muito pouca música e só um número de canto. A diferença que tem esta revista das outras é, a par de ser quase toda declamada, estar dividida em actos em vez de quadros. Tem menos pornografia, menos nü e menos riqueza na montagem. Quanto ao resto, nem mesmo lhe faltou o exploradissimo pederasta. O «compère» foi magnificamente desempenhado por Chabi Pinheiro, que emprestou à obra todo o merecimento que ela não possui. A música não é original. Mas onde há ai, música original depois que se reconheceu que a Espanha está tão perto, aqui a dois passos, e que tem bôa música nas suas «zarzuelas»? Música original só a do fado, e essa é o porque os espanhóis ainda se não lembraram de o cantar.

E esta parte da obra, o seu lado verda-

(Continua na 2.ª página)

NA NOVA RÚSSIA NA ESPANHA

Revivescência do sentimento nacionalista. Orgulho pelo país e isolamento da Europa.

Do grande diário operário de Londres Daily Herald traduzimos o seguinte artigo, no qual um seu colaborador, que recentemente visitou a nova Rússia, foca as impressões gerais que ali colheu, destacando um dos fenómenos mais curiosos que se observa no país bolxevista: o orgulho pelo país e o isolamento do resto da Europa.

Segue o artigo:

Uma das mais chocantes impressões sobre a moderna Rússia, que eu recebi na minha última visita àquele país, foi-me dada pela revivescência, por mim verificada, do nacionalismo.

Digo revivescência, mas deveria com mais propriedade, dizer nascimento, porque o nacionalismo no preciso significado desta palavra, nunca a Rússia tinha conhecido.

Sob o czar nunca o povo atingiu o estádio em que mesmo as mais primitivas ideias do nacionalismo podessem evoluir.

As classes superiores eram ou nebulosamente cosmopolitas ou chovinistas até à medula; jamais nelas germinou um amor natural pelo seu país.

O nacionalismo na Rússia foi sempre despresado como idêntico à pior espécie de reacção política e ao ódio contra todas as populações oprimidas, isto é os «Inorodzy» ou «desigualmente nascidos», os estrangeiros, entre os quais os polacos, ucranianos, hebreus e arménios.

O nacionalismo é o índice dum carácter, que se traduz em primeiro lugar pelo sentimento de orgulho pelo próprio país. Pode-se com razão asseverar, julgo eu, que sómente depois da revolução os russos começaram a sentir este orgulho e a identificarem-se com o seu país.

Quando d. última vez estive em Moscovo, parei, muitas vezes, em frente duma livraria, em cuja janela estava afixado um cartaz que representava um mancebo e uma jovem de mãos dadas e com um sorriso de felicidade estampado na face. O fundo do quadro mostrava o campo e algumas fábricas fumegantes; sob esta cena, a seguinte legenda ilustrava: «O nosso país». Podia tão facilmente ler-se isto nas expressões dos jovens, que a legenda se me afigurava quasi superflua.

Nos velhos tempos, os russos resignavam-se a morrer pelo seu país; hoje, pela primeira vez, parece que gosam a inefável ventura de viverem para o seu país.

Aquele amor desperto pela Rússia e a nascente alegria pela vida são as características mais salientes do país dos sovietes. Jamais houve na Rússia tão forte desejo de viajar; os jovens russos descobriram a verdadeira situação geográfica do seu país. Movem-se sobre ele por meio do caminho de ferro, dos vapores e das estradas. Abundam as agências de transportes e de turismo, que organizam excursões, e milhares e milhares de indivíduos utilizam estas facilidades; mas muito mais ainda se encontram que vagueiam sem condutores.

A esta descoberta de um país e ao concomitante sentimento de integração nêle, devemos juntar um isolamento de quinze anos do resto do mundo, para bem compreendermos o verdadeiro significado do novo nacionalismo russo. O resultado fundamental do isolamento, como facilmente se comprehende, é o crescimento de toda uma geração alheada de qualquer espécie de contacto intelectual com a Europa Ocidental. Isto tinha que produzir fatalmente um estreito e provinciano ponto de vista. Deve, porém, reco-

nhecer-se que o que foi imposto à Rússia fôriosos montes Urais ou de nitrato junto de Murmansk, é solenizada como festa nacional.

Todavia, o melhor barômetro do estado de espírito dos dirigentes do povo russo é a leitura da imprensa diária russa. Os jornais bolxevistas são de facto a única instituição.

A sua missão, diferente da de toda a outra imprensa, não é fornecer informações, nem instruir. Ela visa antes a tornar conhecidas as «ordens do dia» na batalha económica. Os artigos dos jornais visam, quasi todos sem excepção, ou a inspirar fé ao operariado, ou a estimular a sua devoção pelo Estado. O menor insucesso num sector do front torna-se motivo para censura e alarme.

E' digno de nota o facto de, graças a esta obsecção pelo front interno (económico), o noticiário estrangeiro ser quasi totalmente posto de parte pelos jornais.

Como leitor durante dois meses da imprensa russa, queixo-me menos da apresentação tendenciosa das notícias do estrangeiro, do que da pouca ou nenhuma importância que ligam àquele noticiário considerado bagatela, e da sua exclusão nos jornais.

Os bolxevistas são considerados, e eles próprios fanfarrão disto, como missionários do Internacionalismo, mas, olhados de perlo, eles mostram-se—nos um pouco isolados. Interessam-se pelo mundo exterior, amigo ou inimigo—é esta a minha impressão—apenas naquilo que se relaciona com a Rússia. De facto, se nós analisássemos detalhadamente os objectivos e os métodos da propaganda bolxevista na Europa Ocidental, não seria talvez difícil verificar que eles visam menos à deflagração do cataclismo da Revolução Mundial do que à imunização da Rússia.

Pois bem, se se reconhecesse que a Rússia e a Revolução russa se debatem hoje na teia nacionalista, muitos admiradores do bolxevismo (e também muitos adversários daquele sistema) facilmente abandonariam a crença absurda de que aquilo que ali sucede deve ser transplulado para o resto do mundo. Se eles pudessem simplesmente desembocar daquela obsecção e julgar a Rússia, apenas segundo as normas russas, eles adquiririam uma melhor perspectiva para encararem o país e para apresentarem um quadro mais preciso da sua vida intelectual.

Estou sinceramente convencido de que a única preocupação dos russos é a reconstrução económica do país e a sua elevação ao mais alto nível cultural. Cada nova «vitória no front económico»—os bolxevistas gostam de usar metáforas militares—a construção duma nova fábrica, a abertura duma estação eléctrica, a descoberta do petrólio

Paradoxos

(Continuação da 1.ª página)

deixaram original, não assinalou a critica.

* * *

Uma obra teatral, depois de Ibsen e já antes de Pirandello ou Bernard Shaw, tem, indispesávelmente, de possuir características especiais, originais e inconfundíveis, que a tornem ela própria, única, e não outra. E, contemporaneamente, o género superior de teatro, o género declamado, gravita, pode dizer-se, entre duas tendências fundamentais.

Uma, a que ainda hoje tem a de apresentar-nos o velho género cheio de «trucos», de cordelinhos, de falsidades e de incongruências, sem alma, sem vida, sem emoção, destituída de poesia, agitando um sem número de personagens indefinidas, ou de caracteres semelhantes, e verdadeiramente dispensáveis à condução da ideia motriz da peça, se é que peças desta ordem podem ter dentro, alguma ideia; outra, a que está elevando o teatro ao nível que hoje, depois que o cinema atingiu a maioridade, lhe pertence, é puramente ao invés da primeira

desde a técnica à acção. Caracteriza-se fundamentalmente em duas coisas: agitar um problema ou uma ideia nova dentro duma técnica segura e agir com o menor número de personagens, todas em caracteres, temperamentos e alma diferentes e todos igualmente indispensáveis para o conserto da ideias.

A primeira mostra-nos os autores mediocres; a segunda revela-nos os de talento ou de gênio.

* * *

A última peça do dr. Ramada Curto deixa-nos o direito de continuarmos esperando a sua primeira obra. Como técnica é mediocre; como ideia é inverosímil. Quanto à sua parte de moral, tivemos a sugestão de assistirmos a uma preleção de socialismo dada pelo sr. dr. Ramada Curto à Maria, aquela criada a quem em tempos perguntava se era verdade ter talento, como por ai dizem.

João Bravo

Este número foi visado
pela Comissão de Cen-
sura.

Um comício em Léon

Realizou um comício de Propaganda em Léon a C. N. T., tendo os seus principios e táticas sido aclamados por milhares de trabalhadores.

Falaram F. Monroy, Angelo Pestana, Segundo Blanco e J. Villaverde, que combatem a praga do clericalismo e afirmaram a ansia de liberdade e de justiça, que late no coração do povo espanhol.

O «lock-out» de Santander

Há tempos os fogeiros dos vapores pesqueiros de Santander declararam a greve, pedindo a jornada de oito horas. Os armadores, então, transigiram, mas agora que já terminaram a campanha, conseguindo fatos lucros, amarraram os vapores, declarando o «lock-out», em virtude de não concordarem com o novo horário de trabalho, a-pesar-de lhe terem dado primeiro o seu acordo.

Embora se trate duma provocação aos trabalhadores, o governo não interveio, ao contrário do que sucede, quando se trata de qualquer greve.

Adjamento da Conferência Nacional

A Conferência Nacional de C. N. T. estava para se realizar de 15 a 18 do corrente. As delegações estavam prontas a partir para Madrid, mas, em virtude do boato de acontecimentos revolucionários, a Direcção Geral de Segurança prendeu vários camaradas, entre eles, alguns membros do Comité Nacional, e a Conferência teve de ser adiada.

«Solidaridad Obrera»

Por resolução do Pleno Regional da Galiza, vai desaparecer o *Despertad* de Vigo, passando a publicar-se na Corunha, Federico Tapia, 26, o jornal *Solidaridad Obrera* como órgão da Federação Regional Galega.

Conferência de Mauro Bajatierra

Os trabalhadores de Bujalance (Andaluzia) tinham resolvido realizar um comício de propaganda, mas como a autoridade não lhe permitisse, convidaram o camarada Mauro Bajatierra, conhecido revolucionário e lutador activo, a fazer uma conferência, ao que ele aceitou, realizando-a no pátio do Centro Operário local, perante duas mil pessoas aproximadamente.

Enalteceu o orador a escola racionalista, exaltou a mulher como companheira e educadora dos filhos, preparando-os para enfrentarem as lutas contra o Capital e Estado.

O seu discurso foi uma amorosa sementeira de sentimentos humanos, predispondo os corações para a causa da Humanidade e da Paz Social.

Novela Vermelha

Vai iniciar a sua publicação em Madrid, Palma 11, a «Novela Vermelha» com colaboração selecta, sendo o seu primeiro número a interessante novela original do fértil escritor Edmundo González Blanco, intitulada «O senhor governador».

«Tierra y Libertad»

Vai reaparecer em Madrid, S. Marcos, 3, este semanário, para a propaganda das tendências anarquistas.

PELOS RURAIS

Associações de Rurais que se reorganizam

Somos informados de que os rurais do Alto Alentejo se reorganizam com um certo entusiasmo. Em Borba, Fronteira, Vila Boim, Souzel, Aviz e Cano estão sendo reorganizadas as respectivas associações de classe, notando-se grande interesse dos trabalhadores do campo.

Isa sendo tempo de se pensar a viver nisso, porque não faz sentido que uma classe tão numerosa e tão necessitada de apoio, estivesse entregue, sem defesa, aos exploradores da terra e do braço humano que aquela faz produzir. Agora já poderão estudar convenientemente os problemas que lhes dão respeito, procurando para eles as soluções mais próprias e mais ajustadas ao momento difícil que atravessam.

Que não descarem esses problemas e que não recuem, perante as maiores dificuldades, tais são as atitudes a esperar dessa classe tão útil e, em tempos, tão aguerrida.

O VALOR DAS IDEIAS

O que não fôr realizado pela força das ideias, não o será pela força

Os potentados do ouro e da política têm um sentimento de despeito pelas ideias. Simulam, pelo menos, não ter medo algum, o que lhes não impede de perseguir ferozmente os idealistas dum idealismo contrário aos seus interesses. Sem embargo é sobre as ideias que esses potentados têm edificado o seu mundo de classes, de oprição e de iniquidade. As suas ideias são moralmente inferiores, pelo egoísmo individual ou de camarilha, que revelam, pela injustiça que preupõem, pela desigualdade que acarretam e pela insolidariedade que suscitam.

Nós desprezamos muito mais essas ideias do que elas desprezam e odeiam as nossas. A luta está travada em torno de ideias e interpretações, e a batalha que não tivesse por meio concepções espirituais, seria uma batalha de bonecos, sem finalidade e sem sentido.

Os partidários do materialismo histórico são os que mais têm feito, até aqui, por membrorizar no proletariado o valor das ideias. Segundo essa teoria não é o homem, mas o ambiente que pesa, não é a vontade, mas a evolução dos meios económicos o que importa. As ideias seriam um luxo superfluo, o cultivo da personalidade humana um esforço vão. A maior qualidade seria a paciência, a resignação; os frutos maduros cairiam pelo seu próprio peso nas mãos dos trabalhadores, o capitalismo caíria na ruína pelo seu próprio determinismo interno.

Essa teoria pode afagar os pesarosos de espírito, os que confiam em milagres e messias, não aqueles que sabem já haver passado a era dos milagres e dos salvadores, e que, sucessivamente, o que os povos querem deverão consegui-lo com o sua própria ação.

Temos sempre afirmado os valores do espírito em frente do materialismo e do determinismo históricos. Actualmente advertimos toda uma poderosa corrente na filosofia contemporânea que coincide comoscos nessa modalidade mental, nessa reivindicação do espírito e da vontade do homem. Haja nascido essa corrente por efeito da nossa posição ou independentemente, o certo é que vem sustar os valores do pensamento como fundamentais, reclamando o respeito à dignidade e à liberdade do homem.

Se dispuzéssemos de tempo, demonstraríamos com base de citações e de resumos que houvessem feito as deficiências dum Kropotkin, em que grau a filosofia e suas ciências afins, a pedagogia em primeiro lugar, se acham saturados de aspirações libertárias, só por haver partido da afirmação do indivíduo e da sua personalidade, contra o mundo nivelador e hostil.

O que não faça a força das ideias, propagadas de mil modos, com a pena, com a palavra, com as múltiplas manifestações do exemplo, não o fará a força. Não contaremos nunca com o armamento e a preparação técnica da burguesia para fazer frente a to-

das as eventualidades. Nem nos ocorre, sequer, o pensamento de vencer com essas armas, com os canhões poderosos com as unidades navais, com os gases asfixiantes e com os aviões de combate. Nesse terreno estamos e estaremos em evidente inferioridade. E não obstante isso temos declarado guerra sem quartel à burguesia e esgrimimos nessa guerra uma arma mais poderosa: a arma das ideias.

Os influenciados pelo materialismo histórico terão isso como um gesto de compaixão! Nós queremos opôr as nossas ideias à potência armada da burguesia! E não obstante, não há meio mais eficaz de destruição da injustiça que a ideia de justiça, não há meio mais poderoso contra a guerra que a semelha de sentimentos e ideias de paz, de solidariedade e de concórdia. E assim sucessivamente. O que não logrem as ideias, difficilmente logrará a força no terreno revolucionário; sobretudo a força que não se tenha formado, já, como resultado das ideias.

É verdade, um dia seremos mais fortes que a burguesia e então o triunfo final estará ao alcance da mão: mas seremos mais fortes por efeito da penetração das nossas ideias no povo, que não só nos proporcionará novos camaradas, mas desmantelará as posições e baluartes do inimigo. Por grande que seja a potência da burguesia, ela não a maneja com as suas próprias mãos; necessita polícias, exércitos, operários que trabalhem nas indústrias e todos eles podem sentir-se um dia homens dignos e amantes da liberdade e abandonar as armas e os fardos e recusar o seu trabalho para os amos e para a própria escravidão.

Daí o nosso maior afan, que consiste levar a nossa persuasão ao maior número possível de pessoas; por cada indivíduo que se sente atraído pela verdade e justiça das nossas aspirações, tiramos um estio ao edifício já derruído, da velha sociedade.

Façamos, pois, propaganda, propaganda em todos os sentidos, segundo as nossas forças, segundo os nossos meios, segundo as nossas possibilidades e nossos desejos. Há campo de ação para todos, e todos podemos atacar a sociedade capitalista e estatal, eficazmente compenetrados dos valores espirituais que defendemos, sustentamos e propagamos.

Repetimos: ainda que pareça que o capitalismo se ri das ideias, a sua reacção basta contra as que as propagam, é a prova de que no fundo as temem, e se as temem é porque têm algum valor.

Venceremos porque contamos com a verdade e porque desejamos a liberdade e a justiça, e não nos faltará a inteligência necessária para esgrimir essas armas na escala infinita de possibilidades que se abrem à nossa iniciativa e ao nosso esforço.

L. P.

DE LEIRIA

Maneira curiosa de seleccionar pessoal

O que os leitores vão apreciar, não é um caso único, pois mais casos idênticos se têm dado em mais localidades do país onde os que servem a religião católica teimam em em fazer render pela fome, os seus adversários.

O autor destas linhas é a pessoa com quem se passou o que segue.

Ha tempo, ainda não muito longe estando eu ao serviço do Hotel Central como corretor, fiz exame para «chiffleur». Como o proprietário do hotel em referência, fosse também um sócio da União Automobilista de Leiria, pedi a este senhor para, por seu intermédio, eu entrar para a referida União, visto que na altura do meu pedido se deu uma vaga.

Este senhor prontificou-se a ser-me presente, e escrevendo uma carta ao gerente da Empresa, da qual eu fui o próprio portador, fez-me acreditar nos primeiros momentos na sinceridade do seu interesse.

Esperei a resposta, pois tinha visto que se tratava do pedido de um sócio. O gerente, sem grandes dificuldades recusou-se a atender o pedido, alegando que havia outros pedidos à frente que tinha de satisfazer.

Não ponho em dúvida que houvesse mais

pedidos, pois a pensar o contrário, era ignorar a crise de emprego, em todas as profissões, ameaçando lançar os trabalhadores na maior das misérias. Mas a recusa da minha entrada na União, não foi a que o gerente alegou. Eu não entrei para a casa, porque sendo eu conhecido como inimigo dos padres e como o sr. Bispo é um bom freguês, eu não deveria ir para lá. A injustiça é flagrante; a indignação justificada.

Seria curioso perguntar se a União vive só do sr. bispo e dos seus adeptos? Certamente, não. Vejo nos seus carros gente de todas as ideias, que se não preocupam em saber se o pessoal que os serve é monárquico, republicano, socialista, comunista ou anarquista.

Assim, não vejo razão para os senhores da União pelo facto de eu não ser católico me não quererem ao seu serviço.

Este caso não tem importância por se passar aqui e com o autor destas correspondências. Tem-na, sim, no facto de ser um sinal da influência do catolicismo e da sua intolerância. De ambas são vítimas os não-dispostos a suportar o seu jugo. — (C.)

Na revista mensal de ciência, sociologia e arte —

«AURORA»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudo

UM PROBLEMA INTERESSANTE

A Universidade Operária

Parece que a ideia da fundação de um em menor tempo e com menor esforço, capa-estabelecimento cultural superior, com des-tes de competirem, por intermédio das suas tino ao operariado, não caiu desapropos-tada. Todos os militantes da organização operária com quem tenho conversado, sobre o assunto, são unâmes em reconhecer a necessidade desse empreendimento. Alguns

receberam a proposta com entusiasmo, e, em seus vôos imaginativos, já visionava-uma bela instituição, onde nada faltasse, cheia de luz e de vida, de alunos anciãos de ciência e de mestres apóstolos, uma grandiosa obra de educação e de revigora-mento das nossas energias intelectuais de-pauperadas.

Mas, tudo isso pode ser, com o tempo e com o esforço sincero duma pleia de luta-dores sociais.

Vamos, por agora concretizando, definindo o nosso projecto, nas suas linhas gerais. O nome de Universidade Operária, não me parece descabido. Acho que pode acolher-se bem, nesta síntese denominativa, o programa que seria necessário realizar.

A Universidade Operária não seria, propriamente um centro de investigação científica, nem de cultura estreitamente utilitária, de aquisição de conhecimentos abstrac-tos, à maneira das normas tradicionais em uso ainda nas nossas universidades oficiais e até particulares. Entre nós, o classicismo perderia o seu valor directivo, o seu predomínio. A cultura clássica, baseada nas clas-sificações, nas teorias abstractas, na intenção exclusiva de desenvolver as facultades intelectuais especulativas separadas da vida real, daria lugar a uma cultura experimen-tal, prática, sintética, sem mentiras e pre-conceitos científicos.

Procurar-se-ia, na Universidade Operária, formar homens completos, debaixo do ponto de vista sociológico e segundo o nível médio das exigências do nosso meio. Ier-se-ia, es-pcialmente, em atenção criar vontades fortes em curiosidade de saber e não pequenos sábios em conhecimentos de vários géneros. A curiosidade de saber é uma fonte cristalina, de onde brota sempre a verdade. O conhecimento, em si, de aplicação imediata e utilitária, não é o que importa mais; o que importa, para o ideal educativo que se tem em vista, é criar o gosto pela ciência, pela observação e pela crítica, o interesse pelo estudo e pela investigação, a curiosidade de conhecer a verdade, toda a verdade.

Ah! Isso mesmo, isso sómente é que faz avançar os homens no caminho para a luz; isso é que deixa abaixado pela raiz, duma vez para sempre, a árvore da mentira, cuja sombra ainda nos envolve a todos e cujos frutos, por vezes, mesmo nós, saboreamos com delícia.

Ensinar a estudar, a investigar, a ver, é melhor do que ensinar abstractamente a raciocinar e a concluir. A conclusão deve saltar fulminante dos próprios factos observados, e não de palavras ou silogismos habilmente arquitectados no cérebro. Ora uma educação desta ordem, não se faz entre nós, quase em nenhum estabelecimento de ensino, e muito menos nos superiores, onde predominam o vêlhedo e as doutrinas conser-vadoras, inimigas de tudo quanto seja ex-perimentação, ciência positiva, de factos.

A Universidade Operária, guiada por este fundamento pedagógico, pode prestar às camadas operárias portuguesas um alto ser-viço, pois, ao mesmo tempo que as valoriza, pondo de vista sociológico, as for-

elites, com a cultura das elites burguesas, feita de palavras balofas, duma retórica sem vida, anémica, porque lhe falta a ver-dade palpável.

Também não precisa a Universidade Operária, para preencher a sua alta missão, de aprofundar muito, certas especialidades ou matérias de cultura e mesmo algumas, como iniquas mortas, altas matemáticas, etc., te-rão de ser postas de parte, não por que se julguem desnecessárias, mas porque ficam já dentro dum âmbito de especialização que me parece mais de natureza au todidáctica do que escolar.

Seria conveniente fazer girar em redor duma disciplina, como eixo de movimento e de atração, todas as outras, que teriam um programa, muito livre de certo, segundo a autonomia concedida ao professor, mas dentro dos limites e da ação desse foco principal. Essa matéria seria a Sociologia, ou a ciência das instituições sociais e das leis e doutrinas que procuram solucionar a for-midável questão das relações entre os indi-viduos humanos. Todas as outras matérias lhe seriam subsidiárias, complementos in-dispensáveis.

Mas haverá, por agora, possibilidades de pôr em execução um tal empreendimento? Eis o que me parece muito difícil, mas não impraticável, em todo o caso. E direi, quando me fôr possível, a razão do meu modo de ver.

M. O.

P. S. — Já estavam traçadas as considerações que acima ficam, quando li em *A Batalha* da semana passada, o artigo do camarada F. Q., a respeito da «Universidade Operária». Dá o seu apoio à ideia e engran-dece-a com objectivos mais largos. A ini-ciativa concretiza-se, toma corpo, desen-volve-se. Caminha, e ainda bem.

No próximo artigo sobre o caso, referir-me-ei aos pontos de vista do camarada F. Q., expondo o que me parece mais real-izável para o momento, sem, no entanto, querer prejudicar a sua proposta, em prin-cípio.

M. O.

DE BORBA

A situação económica do operariado local

BORBA, 20.—Aqui a crise de trabalho já se faz sentir há muito tempo, chegando ao máximo de não se poder tolerar. Há nesta localidade, sem exagero, 400 homens sem te-rem onde ocupar os seus braços. Em mui-tos lares, as necessidades são o prato do dia.

Não é só em Borba, que se atravessa esta grande crise. Em todo o Alto Alemtejo se espalha crise identica. E a tuberculose au-menta progressivamente, o que põe em haves riscos a vida dos trabalhadores. Ago-ra, alguns, que têm encontrado trabalho, ganham salário; que não lhes chega, sequer, para se alimentarem escassamente. Os cha-mados ganhões, que são aqueles que tra-balam nas sementeiras, ou nas lavouras, ga-nham apenas dois escudos por dia e comida, não tendo ao meio dia refeição quente; co-menam apenas, pão e queijo. Como se veri-fica a nossa situação económica aqui, não é nada agradável. — (E.)

NA COSTA RICA

Os salários dos trabalhadores e o custo da vida

Para fazer um resumo do salário que ganha um operário da cidade, incluindo os que têm ofício, temos que tomar por base as principais cidades, tais como São José, Cartago, Puntarenas, Alajuela e Heredia; em Limón, por estar situada na zona do Atlântico, onde o clima é mortífero, assim como a vida é bastante cara, os salários são um pouco mais elevados que naquelas cidades. Nesta última o salário dum operário de ofício oscila entre oito e dez colones diárias, e os seus ofícios, entre quatro e cinco colones diárias. É de supor que o preço dos artigos de maior consumo são, por fim, mais caros que no resto do País. Assim vemos que em Limón um operário com quatro pessoas de família, por termo médio, gasta diáriamente seis colones vinte centavos. Esta média fazendo-lhe tomado por base o que nos dizem vários amigos que ganham entre sete e oito colones diárias. Não somos tão completos como desejariam, porém podemos fazer uma ideia do que custa viver na zona atlântica. E os preços que vigoram em Limón são os mesmos dos campos próximos, com a diferença de que o camponês que mais ganha nas plantações da United Fruit Company não passa de seis colones diárias.

Nas cidades atrás mencionadas, exceptuando São José, onde o operário está um pouco mais bem retribuído, e os salários para homens com ofício são de 5 a 7 colones, com algumas exceções de oito, nove e dez, o peão ganha 2 colones 75 centavos e 3 colones 50 centavos. O preço dos artigos de maior consumo tem, segundo estatísticas do governo, uns 15 a 30% de diferença sobre os preços da zona atlântica.

Para as outras cidades podemos estabelecer o seguinte padrão: homens com ofício de 4 a 5 colones diárias; peões de 2 a 3 colones diárias. O salário dos infelizes camponeses varia entre um colone cinqüenta a dois colones e cinqüenta. E os preços da alimentação, talvez mais caros que em São José.

Segundo a estatística da mortalidade infantil durante o ano de 1928, apresentada pelo dr. Lujan, a quantidade de crianças mortas durante esse ano, eleva-se a 10.600 (a população do País é de seiscentos mil habitantes). Causa de morte: a difteria, anemia, tuberculose, tifoide e sífilis. O mesmo doutor na mesma informação diz que 80% das mulheres desse país, especialmente, as camponesas, estão atacadas de sífilis.

E não se julgue que é melhor a situação do proletariado no resto da América Central. Poderíamos continuar reproduzindo detalhes demonstrativos de Salvador, Guatemala, etc., porém não é necessário. Uma boa parte dos trabalhadores agrícolas estão ocupados nesses países nos cafés ou nas plantações de United Fruit Company, povos yankees que mantêm condições uniformes de exploração e que fazem fortuna à custa do sofrimento e da dor do proletariado, directamente submetido ao seu domínio.

•••••
A BATALHA

CONDICÕES DE ASSINATURA:

CONTINENTE e ILHAS:	
Série de 10 números.....	3\$00
ÁFRICA:	
Série de 20 números.....	8\$00
ESTRANGEIRO:	
Série de 20 números.....	11\$00

Pagamento adiantado

Toda a correspondência deve ser enviada para o **APARTADO n.º 329.**

LISBOA

NA ANTIGUIDADE

O trabalho em várias épocas

Uma lição de Sócrates

Defesa do trabalho manual

Ora aqui é que eu te queria apanhar, Aristarco. E's então dos que entendem que, lá por serem livres, as tuas parentes não têm de fazer outra coisa senão comer e dormir? E tu atrever-te hás a sustentar que as pessoas livres que vivem na ociosidade são mais felizes que as que se ocupam das coisas úteis que elas conhecem? Então as tuas parentes só aprenderam o que sabem como coisas sem préstimo, e não para disso se servirem um dia? Não achas, pelo contrário, que seires todos mais felizes quando saírdes de dificuldades por meio do trabalho? Hás-de gostar mais delas no dia em que deixarem de viver à tua custa — ai, é muito natural, não me desmintas! — e elas próprias, podes estar certo, se hão de orgulhar de te trazer satisfeito...

— Não há dúvida, Sócrates, tens razão: assim seríamos mais felizes; mas tu bem sabes que muitas pessoas livres, sobretudo as que receberam uma educação liberal, entendem que o trabalho manual, especialmente se serve para ganhar a vida, é indigno de homens livres...

— Bem sei; conheço perfeitamente esse preconceito. Há muitos filósofos, muitos leitores que sustentam, assim, não deverem os cidadãos trabalhar manualmente; caso contrário, não terão vagar de pensar, nem poderão tomar parte activa na administração da cidade. Entretanto, se é compreensível que espartanos se considerem desonrosos quando trabalham, poderão atenienses fazê-lo sinceramente? Ora, olha em torno de ti. Hás-de ver por certo alguns grandes patrões que não fazem outra coisa senão vigiar os seus escravos. Mas todos esses homens, ferreiros, oleiros, correeiros, sapateiros, negociantes de farinha, fabricantes de liras e de escudos, que todas as manhãs saltam da cama ao canto do galo, indo para o trabalho ainda de noite, são então todos escravos? Bem sabes que não. Tu próprio conheces muitos desses laboriosos artífices que trabalham, com o filho ou a mulher, nas suas modestas lojas, onde às vezes nos vamos sentar. Não eram tampouco escravos todos esses patrões ou artífices isolados a quem, por pequenas empreitadas, ainda não há muito, Pericles, esse político tam inteligente, confiava a construção do nosso belo templo do Partenão.

Andam por aí a dizer que cidadãos que trabalham por suas mãos não são capazes de exercer os seus direitos. Ora adeus! Então a assembleia do povo, à qual se dirigem os maiores homens de Estado, não é composta de calandreiros, pedreiros, caldeireiros, lavradores, mercadores, ferros-velhos, indivíduos que procuram vender caro o que compraram por baixo preço? Escuta-nos, nos dias de reunião, antes de o arauto ter anunciado que a sessão vai começar; escuta-nos no momento da votação, e diz-me se elas se não sentem ac nível dos mais afortunados, dos mais ociosos!

— Quem se atreverá, pois, a dizer, depois de os ter visto e escutado, que o trabalho embrutece? Escuta os cantos ritmados que alegram os obreiros; segue-os nos dias da festa; anda conversar comigo para as lojas, e hás-de ver todos os benefícios do trabalho! Ele ensina aos homens o que é deles dever saber; lembra-lhes o que aprenderam; dá-lhes saúde e vigor; garante finalmente o que é necessário à vida. Acredita-me, trabalhar é na verdade melhor do que torturar o espírito a pensar na maneira de viver.

Se estás convencido, vai ter com as tuas parentes e não hesites em lhes propor um partido que será tam vantajoso para ti como para elas. Tomá-lo hão de certo com alegria.

Aristarco coçou a orelha, e o bom Sócrates deixou-o, prosseguindo-o no seu caminho para a Ágora.

As damas trabalham

Mas o mais estranho é que, a acreditar em Xenofonte, discípulo de Sócrates, que é quem nos refere esta história, Aristarco fez compreender às suas catorze parentes que o conselho era excelente.

Bem ou mal, lá arranjou algum capital e com ele comprou lá. As mulheres fiam e balho.

O ESPERANTO

A Burguesia deseja aproveitar das suas vantagens

No XV Congresso dos Esperantistas Italianos, tomaram parte, além de representantes de todos os grupos italianos, 34 estrangeiros. A organização de turismo do Estado Italiano tomou a seu cuidado a parte turística.

Entre outros, um representante do governo, o vice-governador da cidade e outras autoridades locais saudaram pessoalmente o Congresso. O príncipe real e o ministro da instrução enviaram saudações telegráficas.

* * *

De 5 a 7-IX realizou-se em Dundee o Congresso dos Esperantistas Escoceses. O Director da Instrução e o Presidente do Comité Escolar da cidade prometeram facilitar a introdução do Esperanto nas escolas.

* * *

No Congresso Internacional de Esperantistas Católicos, realizado em Budapeste, em Agosto último, tomaram parte, além de muitos seculares e padres de categoria inferior, cerca de 30 bispos e 6 cardinais. Um destes, na qualidade de Legado do Papa, presidiu às sessões. Os congressistas foram saudados pelo Nunciado Apostólico, ministro dos Negócios Estrangeiros, etc., etc.

Como se verifica a burguesia não dorme, aproveitando os recursos do progresso em seu exclusivo proveito, enquanto uma parte dos avançados parece ignorar as vantagens do esperanto.

Pão ou trabalho

(Continuação da página central)

tária. Não há quaisquer propósitos por detrás dela que não sejam a de que todos trabalhem.

O proletariado reforçando mais uma vez o seu desejo de «que a terra só pertença a quem trabalha», não deve desejar o subsídio que, forçadamente iria criar uma nova legião a comer à custa dos trabalhadores. Não me refiro aos desempregados, mas aos funcionários a existir nas repartições a criar que começariam a comer toda a verba destinada para o subsídio, enquanto o pobre trabalhador, fiado na sua eficiácia, veria diminuir a sua capacidade de resistência em benefício exclusivo dos seus exploradores.

Portanto, só existe um caminho viável no momento presente: a reivindicação das seis horas de trabalho diárias.

E assim, oposto aos fins ocultos que determinam por parte de alguns indivíduos o grito de *pão ou trabalho* ou lanço e meu de *trabalho para todos, para todos terem pão*.

E esta a opinião dum operário que não tem outros interesses que não sejam os de todos os proletários em geral, no seu desejo legítimo de se emanciparem da tutela estatal e capitalista que sobre todos pesa.

G. de Sousa

NA ARGENTINA

Um fusilamento e atitudes

Segundo informa o jornal *Despertar* de Vigo, um dos fusilados em Rosário de Santa Fé foi o seu correspondente naquela cidade, camarada Joaquim Penina.

* * *

Duma carta de M. Andersen Pacheco, de B. Blanca, Argentina, extraímos as seguintes passagens:

«Os ferroviários que passam de cem mil associados, acabam de declarar que são uma organização de paz, que desejam o progresso e o engrandecimento da Nação... Das associações influenciadas pelos socialistas não há que falar. Esses aguardam os acontecimentos...».

Ler e propagar «A Batalha» é o dever de todos os trabalhadores.

TÁCTICAS...

Ideias Velhas ou habilidades captadoras?

(Continuação da página central)

a braços com a miséria, com a fome e com o desemprego.

Os comunistas, é certo, atacam a corrente socialista, porém o defeito inicial do seu partido é idêntico. Surge com as novas táticas para atrair a classe operária, em cujas organizações pretendem dominar. Para fazerem a revolução imediata, como apregoam em enorme grita?

Será antes para fazerem dos organismos operários outras tantas seções políticas às ordens de Moscú e, à semelhança dos seus predecessores socialistas, converterem o operariado numa força passiva que se preste a colaborar numa causa que não é a sua, nem onde poderá vir a sua emancipação.

Os comunistas não deram ainda, à exceção da Rússia, as suas provas na governança pública como os seus irmãos socialistas. É certo que dizem na sua propaganda não aceitar o colaboracionismo com as classes e governos burgueses. Mas ainda não é tarde! Em França já há «maires» comunistas, na Alemanha já há burgomestres daquele partido. Com a força parlamentar que possivelmente irão possuindo nalguns países não será de todo para estranhar, que com o decorrer do tempo e com as modificações de tática que a experiência lhes aconselhe, ainda vejamos um governo comunista no poder, velando, em nome da emancipação dos trabalhadores, pela preciosa segurança de Sua Magestade Britânica, por exemplo.

* * *

O operariado que confronte e faça o seu juízo, livremente, sobre qual a directriz que mais satisfaça as suas aspirações de emancipação. Se a daqueles que ainda o temem contra a intromissão da política nos sindicatos, que eram anti-eleitorais e anti-parlamentares, e que hoje, obedecendo à tão celebrada tática, nos aparecem transformados, num pâsimo malabarismo de ideias, defendendo o que já atacaram e atacando o que já defendem; ou se os que se mantêm fieis aos seus princípios e às suas ideias, que estão hoje onde estavam ontem, defendendo um sindicalismo livre de qualquer tutela política, seja qual for o rótulo com que se apresente, e que se são atacados e aleivosamente insultados é por obstar com todas as suas forças, a que dentro dos sindicatos se ponham em prática aquelas táticas que há muito foram postas de parte por perniciosas aos interesses e ao futuro do proletariado revolucionário.

A. S. J.

CARLOS MARX

Um livro de Emílio Costa

Emílio Costa escreveu um livro sobre o conhecido economista Carlos Marx que a Coleção «Homens e Ideias» editou. Essa mesma coleção editarão livros sobre vários teóricos das várias escolas socialistas.

O livro agora editado é curioso, digno de uma cuidada atenção, apresentando-nos o seu autor, Carlos Marx sobre vários dos seus aspectos de homem de estudo, não deixando de analisar, criticando, as tão conhecidas e discutidas doutrinas, tidas como base do marxismo actual.

Oportunamente, nos referiremos a esta obra com mais desenvolvimento.

Aos assinantes de "A Batalha"

Esperamos que os nossos assinantes cumpram com o seu dever liquidando com prontidão, quando lhe forem apresentados os recibos dos 10 primeiros números, que mandámos à cobrança, para não haver devoluções que sempre causam transtornos e prejuízos.

DE MESSINES

Como um comerciante compreende os seus direitos de explorador

MESSINES, 22.—Nunca é demais verberar o proceder ignóbil da classe patronal desta localidade para com o pessoal que tem ao seu serviço, e, em especial, os srs. comerciantes para com os seus empregados de balcão e de escritório. Valendo-se da sua desorganização e da crise do desemprego, exercem sobre estes trabalhadores uma exploração ignóbil; as mil e umas arremetidas que sobre as suas vítimas arremessam, não impede que, as incitem a abdicar do seu caminho emancipador com ameaças de despedirem, se não procederem ao seu sabor. Alguns, por os seus empregados reclamarem o que de justo lhes pertence como sejam as oito horas de trabalho, aqui leta morta, chegam a procedimentos torpes.

Um caso recente citarei para elucidar melhor da benevolência destes senhores.

Uma firma comercial desta localidade temido ao seu serviço um guarda-livros, vai em 5 meses. Ontem, dia 21, teve depois da hora normal uma mera precipitação ao fechar da escrita sucedendo enganar-se.

O patrão, depois de dar com o engano insulto-o, acabando por o despedir e acrescentando que este não tem competência para o desempenho de tal serviço.

Em seguida incitou-o a assinar um recibo do teor seguinte:

Recebi dos srs.... a quantia de trezentos e quinze escudos, em pagamento de vinte e um dias no corrente mês, que estive ao seu serviço, como empregado de escritório não me julgando com direito a qualquer reclamação ou indemnização por ter saído, por me faltar competência para o desempenho de guarda-livros para que fôra convidado.

E o patrão num propósito firme diz-lhe: «que só receberá o seu dinheiro se assinar o dito documento, que outro fim não tem do que não seja a recusa do pagamento de um mês de ordenado que a lei faculta a a qualquer empregado despedido. O empregado em questão vendo-se exausto de recursos para recorrer à autoridade, e até mesmo, para se transportar para o seu domicílio foi obrigado pela força das circunstâncias a assinar o tal recibo.

Eis mais uma das tantas especulações que continuadamente se registam. Para as evitar é preciso que os empregados no comércio e escritório se organizem de molde a repelir todas as explorações que os atinge. (C.)

MARCO POSTAL

Porto.—F. Ferrão.—Manda o endereço de Acácio Loureiro; M. Costa Ribeiro, agraciados a lista de assinantes.

Setúbal.—J. R. Faisca.—Para assuntos de «Aurora» dirija-se a L. da Póvoa, 9. Esclareça melhor o que deseja sobre o nosso jornal.

Vila Alva.—J. Manuel Lanza.—Recebemos 10\$00 para a vossa assinatura que ficou paga até ao n.º 33.

Giesteira-Escoural—José Dias Catxeiro.—A sua assinatura ficou paga até ao n.º 16.

Borba.—J. A. Paiva.—Seguem os jornais para o agente. Entendido.

Porto—Joaquim Vicente.—Ficou paga a sua assinatura, bem como a de Fernandes de Sousa, de Famalicão, até ao n.º 10.

Coimbra—António de Sousa.—A importância que nos enviou, pagou a sua assinatura até ao n.º 10. Em devido tempo receberemos os nomes dos assinantes.

Lisboa—M. Pinto.—Impossível. Já o tentamos por várias vezes.

A organização operária tem na Vanguarda Operária o seu porta-voz no Norte.

DE COIMBRA

A crise económica e alguns aspectos da situação dos trabalhadores

A crise e deficiência económica que atraíram todos os povos, em geral, e, em especial, as classes trabalhadoras de todo o mundo, é bem a prova insofismável do desequilíbrio do capitalismo.

Quer as medidas apresentadas pelos economistas burgueses, quer as tentativas de salvação por parte dos homens de estado, todas têm sido e serão impotentes para resolver esse tremendo problema. De dia para dia sentimos cada vez mais o agravamento desse mal estar económico, verificando-se até que, nos países governados pelos chamados partidos operários a situação das classes trabalhadoras é pouco invejável. Diga-se de passagem até que é onde o desemprego atinge proporções esmagadoras (por exemplo a Inglaterra).

A engrenagem estatal é duma tão grande complexidade, que por mais bem intencionados que sejam os homens, não é possível por meios colaboracionistas e dentro desta ordem de coisas, conseguir que as classes superiores sobreponham aos seus interesses o bem estar colectivo e social.

* * *

Em Coimbra — como sucede em toda a parte — os trabalhadores sofrem a mais pesada e dura situação no que diz respeito a habitações. Já por consequências de ordem económica, já pelo êxodo para as cidades do povo aldeão, e ainda, também, pela ganância e egoísmo dos homens de dinheiro, que só mandam construir prédios para as classes ricas.

E assim, torna-se problemático para os trabalhadores, e para o povo em geral, adquirir-se, mesmo que seja uma pociña, onde não entra o sol purificador, nem a luz vivificante.

O problema de habitação é um dos pontos fundamentais, para todos os homens de coração, de sentimentos e de ideias de perfeição humana.

Compete também — principalmente — às massas organizadas enfrentá-lo a sério; é, talvez, quanto ao nosso modo de ver, um assunto que merece estudo aturado.

* * *

O que se passa com os salários que atraem os trabalhadores desta cidade, toca os limites do inconcebível. Será possível que se possa viver com trés e quartoze escudos diárias?

Pois é quanto ganha em média (e isto por alto) um operário.

Apesar disso os trabalhadores, ainda para supremo gaudio dos que os exploram descuram a própria situação e contribuem, com o seu indiferentismo, para que estas anomalias continuem a registar-se.

E' inacreditável, mas é verdade. Será isto viver? Julgo que não. Quanto muito é vegetar. E são os trabalhadores que com o seu indiferentismo e por falta de solidariedade, que muitas vezes agravam a sua situação económica. (C.)

NA BOLÍVIA

O movimento operário

O primeiro congresso operário só se realizou na Bolívia em 1925. Existiram antes organizações e travaram fortes batalhas contra o capitalismo, algumas delas terminando em chacinas, como a de Uncia, porém, a organização em geral não conseguiu então exercer uma influência visível para a regularização dos salários e melhoria das condições de vida.

Ultimamente o movimento operário cobrou vigor e extensão, saindo do reformismo e declarando-se libertário.

Os trabalhadores bolivianos ainda não disfrutam da jornada de oito horas, tendo iniciado um movimento neste sentido.

OS TEXTOS

Condições de trabalho em Castanheira de Pêra

(Continuação da página central)

lato, qual é a situação dos operários de Castanheira de Pêra, só por terem a criminosa lembrança de reclamarem o cumprimento duma lei em vigor e que estes senhores se negam a cumprir, só porque a mesma beneficia os operários. Os industriais chegam a afirmar que em Castanheira de Pêra são eles quem manda e que nunca ali chegaria a lei do horário de trabalho. Se tal acontecer encerrará as suas fábricas. Acrescentam: «cada um irá para onde quiser, porque, com oito horas de trabalho, nas nossas fábricas ninguém trabalhará!»

— Diz-me uma coisa: realizou-se a sessão onde deverias falar?

— Não se chegou a realizar, porque, tendo a Direcção da Associação oficiado ao sr. Administrador do Concelho, em 20 do corrente, pedindo autorização para a realização da Assembleia geral em 26 do corrente, só no passado sábado, pelas 17 horas, chegou um ofício do mesmo senhor, no qual dizia não poder autorizar a sessão pedida. Não havia explicações. Contudo, todos compreendemos. Não convinha que os operários revelassem o mau procedimento dos industriais. Estes julgam que os operários devem ser os escravos de sempre, sem que lhes assista o direito de usufruirem as regalias duma lei que os beneficia. Ao mesmo tempo não querem que se diga que enquanto elos vão acumulando fortunas fabulosas, este ano os lucros duma fábrica foram de 800.000\$00, os operários não ganham o suficiente para se alimentarem.

E o nosso camarada terminou. Pelo exposto se fará uma ideia da desesperada situação dos nossos camaradas de Castanheira de Pêra.

DA INGLATERRA

Aumentam os sem trabalho

O Ministério do Trabalho comunica que em 13 do mês passado, o número de desempregados na Inglaterra era de 2.188.672. Houve um aumento de 12.481, em relação à semana anterior e de 973.623 em relação a igual data do ano de 1929.

Como se verifica o governo socialista não conseguiu, sequer, atenuar a enorme crise de trabalho, embora tenha procurado os meios de conseguir.

E' que a questão, para ser resolvida, implica a supressão da organização social da actualidade. E isso não convém aos socialistas.

DE SETUBAL

Nova Comissão Administrativa

SETUBAL, 20.—Na Associação de Classe dos Operários da Indústria de Construção Civil e Artes Correlativas foram, na sua última assembleia geral, nomeados os seguintes camaradas para os diversos cargos da direcção da Associação:

Direcção: Presidente, António Casimiro da Silva; vice-presidente, Francisco Gregório Filipe; 1.º secretário, Rafael dos Santos Ribeiro; 2.º secretário, António Augusto da Silva; tesoureiro, Francisco Valido.

Assembleia Geral: Presidente, Joaquim Vilhena; 1.º secretário, Amadeu Pinheiro;

2.º secretário, Eduardo Coutinho Peixoto.

Conselho Fiscal: 1.º vogal, Agostinho de Jesus; 2.º vogal, João de Oliveira e 3.º vogal, José Baptista.

A BATALHA



CRONICA INTERNACIONAL

A America do Sul

Na América do Sul desenvolvem-se, continuamente, movimentos insurrecionais, que estendem por vezes, a sua zona de acção a um campo bem amplo. Não há muito, ainda, a Argentina sofreu uma forte sacudida, dando em resultado terem ali desaparecido certas regalias e liberdades, que representavam alguma coisa, apesar de pouco. Hoje nem isso existe. Demonstra-o o desaparecimento de «La Protesta» o órgão da F. O. R. A. a organização da Argentina de maior força e influência.

Agora, é o Brasil.

Aqui a situação é difícil de analizar, porque, apenas, nos chegam notícias que pouco ou nada adiantam. Quando a situação parecia resolvida, surgiram novos contratempos e a luta lá continua.

A que se devorá aquele movimento?

Se recuarmos no tempo e estabelecermos relação com certos factos, verificamos que aquela luta interna não é alheia a pretendida influência económica que a América do Norte e a Inglaterra disputam, num deserto manifesto de encontrarem, cada um desses países, mercados para os seus produtos. Ainda não há muito a Inglaterra enviou ao Brasil uma comissão de estudo, que orientou os seus trabalhos no sentido de encontrar a melhor maneira de ser a Inglaterra o país a manter a hegemonia económica do Brasil. Por outro lado a América do Norte não dorme.

Ora para eficácia dessas negociações é exigida ordem no país. Daí, talvez, a luta, onde se nota um desejo de pacificar o país, mantendo-a numa normalidade política, para sossêgo dos capitalistas.

Terá o movimento, a-pesar-disso uma característica, ao menos indicando um propósito de dar mais à vontade à vida social, e mais liberdade à actividade dos propagandistas?

Eis passagens dum manifesto editado em Maio d'este ano, que podem ser uma resposta:

«Ao povo do Brasil, ao proletariado que sofre nas cidades, aos trabalhadores oprimidos nas «fazendas»; à massa miserável do campo e, muito especialmente, aos revolucionários sinceros e aos que estão dispostos para a luta e a sacrificarem-se por uma profunda transformação, por que necessariamente se tem de passar — vão dirigidas estas palavras».

Em seguida alude à campanha política que, então, terminava e diz: «Somos governados por uma minoria, que, sendo proprietária da terra, das «fazendas» e dos latifundiados, senhora dos meios de produção e apoiada pelos imperialismos estrangeiros, que nos exploram e dividem, só será dominada pela verdadeira insurreição generalizada, pelo levantamento consciente das massas das povoações do campo e da cidade. Queremos combater a grande propriedade territorial e o imperialismo Anglo-American. Estas são as causas fundamentais da opressão política em que vivemos e das crises económicas em que nos debatemos».

É claro que não se sabe se o movimento agora em marcha tem alguma relação com o movimento preconizado nesse manifesto, de resto parecendo indicar, apenas, preocupações liberais. O que se sabe é que a luta é resenhada, parecendo qualquer dos lados disposto a gastar todos os seus esforços e recursos. E mais uma vez, vem ao terreno da discussão o problema da incapacidade da organização social, conhecida em toda a parte, para debelar o mal que em todo o lado se desenvolve.

A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

PORTUGUESA

recomenda a leitura de «A Batalha» e «Vanguarda Operária»

DO BARREIRO

Confusão ou quê?

BARREIRO, 19. — Ao iniciarmos a nossa colaboração em A Batalha fazemos votos para que ela trilhe um caminho em harmonia com a mais ampla concepção das ideias de redenção humana, não aceitando nas suas colunas prosa que possa, mesmo ao de leve, contribuir para que o confusionismo que reina nas hostes proletarianas e no campo das ideias, tome maior incremento, mas que empregue todos os esforços no sentido esclarecer e tornar límpido o azul celeste das nossas aspirações.

Nesta ordem de ideias, inicio as minhas correspondências, criticando um gesto que apôdo de confusionista.

* * *

Há poucos dias, a Associação Comercial do Barreiro convidou todas as colectividades aqui existentes a fazerem-se representar numa reunião que tinha o fim de tratar da construção das já célebres muralhas e oficinas de C. de Ferro. Lá se fizeram representar entre outros organismos, a Associação dos Descarregadores de Mar e Terra, Sindicato da Construção Civil, Ferroviários e Corticeiros. Os delegados operários e representantes da autoridade, etc., confraternizaram no elo que unem as mesmas aspirações, e mutuamente se trocaram muitas Ex^{as}.

Poucos dias depois veio parar a minhas mãos uma representação a enviar ao ministro, sobre o mesmo assunto, representação essa que foi o ponto da dita reunião, onde figuravam os carimbos de muitas casas comerciais, associações patronais e o jornal Sul e Sueste, órgão dos trabalhadores ferroviários, e sindicatos operários que se fizaram representar na já aludida reunião.

Acaso seremos nós contra a realização dessas obras? Não!

O que nós não compreendemos é como seja possível os trabalhadores — sempre desprovidos, caluniados e perseguidos pelos de cima — aceitarem como boa a colaboração com organismos e indivíduos que só os seus interesses feridos faz mexer. Acaso se esqueceu já as afirmações tantas vezes feitas, até por alguns dos delegados operários citados, de que dum lado devem estar os oprimidos e de outro os opressores? Acaso se esqueceram, certos elementos, que a colaboração com as classes dominantes só produz confusão e encaminha as massas trabalhadoras para a sua eterna escravidão?

Tenhamos em vista a célebre Comissão Pró-Defesa dos Interesses do Barreiro e o procedimento do delegado da organização operária local.

Basta de confusionismos! Basta de máscaras! Ou bem que somos pela luta de classes, ou bem que somos pelo reformismo mais escrachado. — (C.)

Auxílio à "A Batalha"

Transporte... 2.422\$80

Dois operários da Fábrica de Tabacos «A Lisbonense».....	7\$50
António de Sousa—Coimbra.....	2\$00
Outeiro tirada entre os operários da construção civil que trabalham por conta do Conselho Técnico nas obras da Praça do Comércio (antigas Encomendas Postais):	
Horta.....	2\$50
Serafim.....	1\$50
Luis António.....	1\$00
M. Garcia.....	50\$00
F. Duarte.....	1\$00
José Manuel.....	1\$00
Morais.....	1\$00
José Braz.....	1\$00
Artur Marques.....	1\$00
Bernardo Silva.....	1\$50
Miranda.....	1\$50
Barata.....	1\$50
Gaspar.....	1\$00
Verissimo.....	1\$00
Alfredo de Sousa.....	1\$50
Emilio.....	1\$50
Antonio Francisco.....	1\$00
José Borges.....	1\$00
João Jorge.....	2\$00
António Braz.....	2\$50

A transportar... 2.460\$30

VIDA SINDICAL

Comissão Inter-Federal

Reuniu a Comissão Inter-Federal, tendo apreciado ofícios da «Comissão de Relações Nacionais e Estudo de Defesa Rural», da Associação Operária de Tecelões de Castanheira de Pêra e correspondência de Odemira, Vila Real de Santo António e de Aljarrade.

Também foi recebida uma credencial para os delegados dos rurais junto desta Comissão, que foram aceites.

Foi resolvido prestar todo o auxílio moral e material a Conferência rural, que brevemente se realizava.

Tomou-se conhecimento dos abusos cometidos pelos industriais de Castanheira de Pêra, tendo-se resolvido reclamar junto de quem de direito.

Contatou-se o revigoramento da organização do Alto Alemão, reconhecendo-se a necessidade desta Comissão apoiar dentro das suas possibilidades o trabalho de propaganda que ali se vem realizando.

Tratou-se também do caso dos rurais de S. Tiago, que agora são chamados à responsabilidade por factos ocorridos há 12 anos.

Sindicato Único dos Operários da Construção Civil de Lisboa.

Secção dos Serventes — Reuniu esta secção em assembleia geral no passado dia 28 de Novembro para apreciar o pedido de demissão da comissão administrativa da secção. Lida a acta da sessão anterior foi a mesma aprovada.

Passando-se à ordem dos trabalhos fez uso da palavra sobre o assunto António Cleto Manuel Pereira Júlio e outros camaradas, tendo sido apresentada uma moção em que num dos considerandos alvitava, que fosse aceite o pedido de demissão do 1º secretário, não sendo aceite o pedido de demissão dos restantes componentes da comissão administrativa, sendo a moção posta à aprovação foi o primeiro número rejeitado pelo que continuou a mesma comissão na sua função.

Grilo pede a palavra e diz que em virtude de continuar o 1º secretário, apresenta o seu pedido de demissão de 2º secretário, que foi aceite tendo sido substituído pelo camarada Manuel Marques.

Não havendo mais nada a tratar foi a sessão encerrada às 20 horas.

Secção Sindical da C. Civil de Palma. — Em sessão magna reuniu esta Secção no passado dia 16 do corrente, a fim de tomar conhecimento do movimento encetado pelas diversas secções profissionais do Sindicato na reclamação para a uniformidade de salários.

Aberta a sessão pelas 21 horas com a vasta sala repleta de camaradas, pelo camarada presidente foi exposto à assistência o fim da reunião.

Em seguida é dada a palavra ao camarada delegado do Sindicato Único que numa bela exposição relata toda a ação desenvolvida pelo Sindicato e suas secções profissionais e sindicatos, no sentido de pôr-se um termo à exploração de que os operários da construção civil vêm sendo vícimas mercê da enorme disparidade de salários que se observam de obra para obra e de oficina para oficina.

Relata as negociações já estabelecidas com os industriais e construtores civis para o estabelecimento duma uniformidade de salários para os componentes das diversas classes da construção civil.

O delegado da Federação, expõe o trabalho que esta tem desenvolvido no sentido de tornar o mais extensa possível, através do País, esta e outras reclamações que a classe operária tem o incontestável direito de formular, e neste sentido foi expedida a todos os Sindicatos que a constituem, uma elucidativa circular.

Relata qual tem sido a ação da Federação, no sentido do atenuamento da crise de trabalho, e os resultados animadores obtidos, que em parte têm contribuído para que a situação presente seja nesse sentido um pouco mais desafogada, apesar da crise ainda se fazer sentir bastante, especialmente em muitas localidades da pro-

víncia e ainda duma forma bastante sensível nos grandes centros.

Carlos Vicente, alarga-se em considerações sobre as reclamações em trânsito, e ocupa-se largamente da desgraçada situação em que ficam os camaradas vítimas de acidentes no trabalho dada as deficiências da lei. Envia para a mesa uma desenvolvida moção sobre o assunto que foi aprovada e baixou ao Sindicato.

Outros camaradas mais se seguiram no uso da palavra apoiando a ação desenvolvida pelo Sindicato e Federação, tendo sido aprovada uma extensa moção que conclui por dar todo o apoio ao Sindicato na reclamação para a uniformidade de salários e outras que estão em trânsito e que grandemente irão beneficiar a situação do operariado desta indústria.

No final foi aprovada por aclamação uma saudação à A Batalha e Vanguarda Operária, saudação essa que terminava por indicar estes dois órgãos da organização operária portuguesa a persistir com energia na luta pela emancipação dos trabalhadores.

Sindicato dos Encadernadores e Anexos. — Reuniu a Comissão Administrativa, que tomou conhecimento do trabalho a encetar para o alavancamento da classe. Despachou o manifesto dirigido à mesma a fim desta se interessar pelo Sindicato. Esta Comissão reúne às quartas-feiras, às 9 horas, podendo nestes dias ser tratado qualquer assunto que interesse aos associados.

DE CASTANHEIRA DE PÊRA

O Sindicato textil deseja que o horário se cumpra

A comissão signatária da presente exposição nomeada em assembleia geral da classe textil em 29 do mês corrente, vem respeitosamente junto de v. pedir providências para o caso que passa a expor.

Como é do conhecimento de v. as diversas indústrias atravessam presentemente uma grande crise de trabalho a qual se vem reflectindo de cidade para cidade, como de concelho para concelho. Presentemente, Castanheira de Pêra está incluída neste número. Mercê desta circunstância e patronato vendo que tem ofertas de braços, salta por cima de todas as leis da razão e da humanidade obrigando os seus operários a um trabalho superior ao estabelecido por lei, que diz que nenhum operário pode ser obrigado a trabalhar mais de que 8 horas por dia ou 48 por semana.

Nestas condições, e para apreciar estes factos, reunir a classe dos Texteis em assembleia geral, resolvendo que uma comissão destê organismo o procurasse. É preciso que a circular n.º 406 de 17 de Setembro de 1929, dimanada desse ministério, tenha a sua aplicação nesta localidade que bem precisa é, pois não faz sentido que enquanto uns trabalham 10 e 12 horas por dia, outros não tenham onde empregar a sua actividade profissional, motivo porque nestas casas reina a fome com ramificações para o terrível flagelo, a tuberculose, que ceifa centenas de vidas dos trabalhadores. Não faz sentido que numa terra onde o trabalho não chega para todos os naturais, se obriguem criaturas a um trabalho de 10, 12 e mais horas enquanto outros não têm onde auferir os meios de subsistências para si e para os seus.

Procurou uma comissão destê organismo o sr. administrador do concelho a fim do mesmo senhor tomar medidas para obstar a tal facto, sendo respondido por aquela autoridade que o assunto não era com ele, que nada podia fazer. Afigura-se-nos que, como autoridade administrativa, devia fazer cumprir a lei que está em vigor, pois que ainda não foi revogada, pelo que compete às autoridades fazê-la cumprir. Tal não acontece pelo que nos vimos forçados a vir junto de v., cônscios de que em face da justiça que nos assiste tomará as necessárias providências, para que tais casos se não repitam.

A comissão administrativa